



METROPOLE

SSA-BA

Não Olhe para



WWW.METRO1.COM.BR

30 DEZ 2021

Dos céus, vem o pior tormento para os baianos neste fim de ano. As chuvas deixaram mais de 90 mil pessoas desabrigadas ou desalojadas em 132 cidades. Em postura negacionista, presidente Jair Bolsonaro curte férias em Santa Catarina durante a tragédia. **Págs 4, 5, 6 e 7**



Previsões 2022

James Martins

A Bíblia diz: “Não vos inquieteis pelo dia de amanhã. Pois o amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal”. E por mais males que tenhamos neste dia de hoje (ou talvez até por isso mesmo), o conselho não adianta nada. Perto do fim do ano fica todo mundo querendo adivinhar o que será do ano que vem. Não só adivinhar, como também designar, controlar, formatar. Roupas brancas chamam paz; amarelas, dinheiro; pretas, não sei o que. Deve ser por isso que o Super Homem não tira aquela cueca vermelha pra nada. E de tanto praticar (mesmo que em vão) a gente ganha alguma... Prática e às vezes até acerta. Portanto, seguem abaixo as minhas previsões para 2022 (mas, antes, curta, compartilhe e ative o sininho):

DUPLA JAVI

De acordo com os astros, os principais times baianos vão surpreender muita gente. Eles tanto podem subir para as séries acima (A e B, respectivamente), como cair ainda mais e fortalecer o projeto de disputarem juntos o campeonato do Campo do Tejo. A partir de maio, o Jahia terá ótima atuação em campanhas de combate à poliomielite. E o Vicetória descobrirá um grande filão

de mercado vendendo móveis na OLX.

POLITICA

Tudo indica que teremos eleições no ano que vem. Pra compensar a falta do carnaval. Vai ter baixaria? Vai. Mentira? Muita. Segundo o jogo de runas e as criptomoedas, a disputa ficará entre um candidato que já foi presidente e outro que ainda é. E um deles ganhará ameaçando o país inteiro de ficar nas mãos do outro.

CARNAVAL

Por falar em Carnaval, mesmo sem a festa oficial, os búzios mostraram que ainda teremos a infalível gripe de fim de festa. E provavelmente mais de uma. Várias variantes. Difícil mesmo vai ser batizar a dita com o nome da música do verão, já que não estamos tendo nem música e nem verão.

ECONOMIA

Após uma consulta bem minuciosa ao tarô chinês, videntes-blogueiros especialmente contratados pelo Instagram afirmaram que no ano que vem Paulo Guedes continuará não entendendo nada de economia. E o gás não vai baixar de preço.

MORTE

Infelizmente teremos mortes em 2022. Vejo que um artista da música sertaneja ou do pagode ou do funk ou influencer ou herdeiro ou performer que muita gente conhece e muita gente também nunca ouviu falar pode vir a falecer de doença ou por acidente ou até mesmo assassinado. A confirmar.

CLIMA

Alguns dias vai chover, noutros vai fazer sol, e alguns dias ficarão nublados. Mas, o que quer que aconteça, certamente vão dizer que é culpa do aquecimento global enquanto outros dirão que aquecimento global não existe.

REDES

Fotos sensuais com frases de autoajuda e espiritualidade continuarão fazendo o maior sucesso. Já o termo “gratiliz” perderá engajamento.

POESIA

Não vai acontecer nada.

JORNAL NACIONAL

Boa noite!

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Alexandre Santos, Gabriel Amorim, Geovana Oliveira, Rodrigo Meneses e Tailane Muniz**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000





humberto farias/metropress

foto do leitor/divulgação



Processo no TCM

Jornal da Metropole detalhou a auditoria que fundamentou a condenação do ex-prefeito João Henrique e do então secretário da educação, hoje deputado federal, João Carlos Bacelar (Podemos). Os dois foram

condenados em primeira instância a pagar, juntos, R\$ 47 milhões. Em maio, entraram com recurso. O TCM analisou o processo, mas o julgamento foi adiado, pois o conselheiro Nelson Pellegrino pediu vistas.

Abaeté

As construções de casas irregulares na Área de Proteção Ambiental (APA) do Abaeté continuam a todo vapor, mesmo com reiteradas denúncias. As casas nem sequer tem alvará de construção e a prefeitura não autoriza a derrubada.

BOA NOVA



**VAMOS CHEGAR A SALVADOR
PARA CUIDAR DE VOCÊ.
NA BAGAGEM, 41 ANOS
DE TRADIÇÃO.**

UMA DAS MAIORES E MAIS COMPLETAS REDES
DE SAÚDE DO BRASIL VAI CHEGAR PARA SOMAR.

FALTA POUCO PARA SALVADOR GANHAR EM SAÚDE.
COM UMA ESTRUTURA MODERNA E SUSTENTÁVEL,
O MATER DEI VAI CHEGAR PARA CUIDAR DE VOCÊ.
SÃO DÉCADAS DE EXPERIÊNCIA NA ÁREA DA SAÚDE,
CERTIFICAÇÕES INTERNACIONAIS DE QUALIDADE E,
PRINCIPALMENTE, UM ATENDIMENTO HUMANIZADO.
É O JEITO MATER DEI DE ACOLHER.

Para saber mais sobre a
Rede Mater Dei de Saúde
acesse o QR Code.



Tudo pra você
ficar bem!

materdei.com.br





Números da tragédia

24 mortes **434** feridos

91 mil desabrigados ou desalojados

132 cidades em situação de emergência

Terras do sem-fim

Jornal da Metropole conta a tragédia das enchentes por meio de três histórias, cada uma representando uma das regiões afetadas: sul, extremo sul e sudoeste da Bahia

Texto Geovana Oliveira

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Enquanto as águas do rio Cachoeira ainda invadiam as ruas de Itabuna, no dia do Natal, a professora Mira Alves, 63, só conseguia recorrer a uma velha lembrança: a boneca que ganhou de presente, em outro dia 25 de dezembro.

O ano era 1967. Mira tinha apenas 9 anos. Foi dormir, mas acordou na casa de outra pessoa. A sua, no bairro da Mangabinha, estava completamente alagada.

“Acordei, fiquei perguntando sobre a boneca, comecei a chorar”, conta. A mãe de Mira havia guardado a boneca. Mas, muito mais havia se perdido...

A história é sobre, até então, a maior enchente que já atingiu a cidade — marcada na memória coletiva dos moradores de Itabuna pelas mortes e destruição que deixou. “Não pensei que voltaria a ver uma cena dessa. As pessoas desabrigadas, gente que perdeu tudo..”, desabafa a professora.

Na última segunda-feira, quando o

nível da água baixou, Mira saiu da casa da filha, no centro da cidade, e voltou para a sua, na Mangabinha.

“Hoje eu moro na casa do outro lado da rua, que é um ponto mais alto, então não entra [água], só entrou na garagem. Mas veio pela baixada, e o pessoal ficou ilhado. Meu vizinhos ficaram ilhados, perderam tudo”, conta. “A gente nunca acredita que a água vai chegar nesse nível, e foi o que aconteceu dessa vez”.

Assim como em 67, a água subiu durante a noite. Um dos vizinhos de Mira chegou a se precaver: colocou a televisão e os documentos em cima do guarda-roupa e, para se prevenir, saiu de casa.

Ele não esperava, no entanto, era que a água fosse cobrir toda a casa. Não sobrou nada. A parte de baixo do bairro da Mangabinha foi completamente coberta pelo rio.

“É uma sensação horrível. Ontem eu chorei muito lembrando da época, comentando que a gente ficou um tempo pegando água. Hoje eu vi o pessoal pegando água no caminhão pipa e passou um filme na minha mente”, conta.

Os moradores da cidade ainda se perguntam se a enchente deste fim de ano foi maior que aquela ocorrida há 54 anos.

Mira conta que em 67, a Avenida Cinquentenário — central da cidade, onde se concentra o comércio — ficou submersa, enquanto agora a água invadiu todas as lojas, mas não chegou a cobrir.

“Estou assim numa tristeza muito grande. Ontem desci aqui um pouco na Cinquentenário e me deu uma tristeza enorme ver o rosto dos comerciantes transtornados”, diz Mira.



"Não tenho mais lágrimas"

"Tá tão difícil que não tenho mais lágrimas para chorar", diz Leidilândia da Silva Santos, de 28 anos.

No último dia 25, a moradora de Jequié precisou sair da casa da mãe, onde celebrava o Natal, e retornar para a sua. O nível da água do Rio de Contas até então não estava alto, mas de repente começou a subir.

"A gente não esperava nada. A água começou a subir na casa e começou a dar curto [circuito], por causa das tomadas. Não consegui salvar nada", conta.

Leidilândia, o marido e as duas filhas — uma de 2 anos e outra de 4 meses — ficaram apenas com as roupas que já estavam no corpo. Os móveis, novos, com faturas ainda a pagar, foram destruídos. Todos os animais que criavam no terreno morreram. E nem os documentos conseguiram pegar antes da enchente.

"Eu passei mal quando vi minha casa invadida pela água. Eu já chorei tanto, já pas-

sei tanto mal, que as pessoas tiveram que me dar calmante", relembra.

Leide havia se mudado para a casa própria, no bairro Joaquim Romão, há um ano. Com tudo novo. Mas a invasão do rio abalou até mesmo a estrutura da casa.

"A parede tá rachada, o piso cedeu, o muro caiu. O piso entre a parede e o chão você consegue meter a mão. Como vou conseguir por minhas filhas nessa casa?", lamenta a vendedora.

Durante a ligação da reportagem, Leide estava limpando a casa do irmão, também alagada pelas chuvas. A da irmã, eles limpavam no dia anterior. Mas na sua, mais próxima ao rio, a água ainda não tinha escoado. Até agora, a família se mantém com doações de alimentos e roupas, e falta muito para começar a se reestruturar.

"Em 28 anos, nunca acompanhei isso. Nunca vi Jequié desse jeito. Está muito destruída", desabafa.



Moradores atravessam enchente na cidade de Jequié



BAHIA



Área comercial de Medeiros Neto, quase toda submersa

"Eu não consigo mais dormir"

Em Medeiros Neto, a chuva do dia 25 não surpreendeu. A cidade já estava em alerta. Desde o dia 8 de dezembro, a região sofre com os constantes temporais.

"Desde o dia 9, ainda não dormi. Não parei nenhum minuto. Estou cuidando das minhas coisas e tentando me reerguer", conta o engenheiro civil Alexandre Lima, de 42 anos.

Alexandre perdeu mais de R\$ 1 milhão dos seus empreendimentos na cidade após a enchente. Além de seu próprio comércio, ele aluga prédios para outros estabelecimentos, incluindo o cartório da cidade.

Foi assim que, no dia 8, precisou sair do prédio de registros com água no pescoço e livros na cabeça. "Para salvar a história da cidade". A água subiu 3,5 metros.

"A rotina continua a mesma, de muito trabalho, mas sempre assustado. Tanto eu, quanto meus familiares, a gente não dorme direito porque tem que checar o nível

do rio. Ele sempre sobe e desce, tem cálculos para ver o quanto", conta.

Assim como no último fim de semana, quando chove, o rio chega a subir um metro de noite, aí baixa alguns centímetros, e alaga algumas ruas. É constante. "A noite passada choveu a noite toda. Foi uma noite de medo".

O engenheiro fala sobre a mobilização de ministros, prefeito e governador, mas depois de 20 dias, diz ser insuficiente. "Os poderes deveriam se voltar para ajudar, porque a totalidade dos afetados é enorme", afirma.

Além das perdas materiais, a cidade enfrenta agora o aumento de diferentes casos de doença e diversos tipos de virose.

Em meio à insegurança, entretanto, Alexandre diz que cada um reage de um jeito. "Eu tenho vontade apenas de agir, ajudar e de voltar à vida normal".



METROPOLE



Um dia na vida: caos, festa e férias

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

O segundo verão, o segundo réveillon e o início do ano três dentro da pandemia embaralham ainda mais a ideia de retrospectiva experimentada nos finais de ano, quando prevalece uma atmosfera de que há uma grande festa, cheia de gente feliz, em algum lugar, e cada um não se sabe exatamente onde. Como na canção de Marina Lima: eu espero acontecimentos/mas quando anoitece/é festa em outro apartamento.

A Bahia, principalmente nos paraísos litorâneos que vão do baixo sul ao extremo sul, há muito se tornou refúgio e cenário de festas de fim de ano hypadas, protagonizadas pelo PIB de São Paulo e estreladas por ricos, famosos e aspirantes às duas coisas de todas as regiões do Brasil. Este ano, não bastasse pandemia, cepa nova de vírus e surto de gripe, a natureza deu de ombros e, na Bahia, derramou muitos mililitros d'água, destruindo a vida de milhares, a economia e a infra-estrutura de municípios inteiros. Pontes, estradas, barreiras, ruas, tudo virou rio de lama. Noticia-se na última semana do ano mais de 20 mortos, 136 municípios em estado de emergência, 417 cidades atingidas, cerca de 34 mil desabrigados e 43 mil desalojados.

Há 32 anos não se via chuvas dessa magnitude na Bahia, e continua a chover em muitos dos lugares onde tragédias já aconteceram. É coisa de dimensão extraordinária, do nível que prefeituras pouco ou nada podem fazer sem o braço mais poderoso e capitalizado do Governo do Estado e do Governo Federal. Es-

ses são os fatos postos e o volume de dinheiro para remediar a situação de um jeito que faça diferença na vida de quem perdeu tudo não será pequeno. Saindo-se das cenas de destruição que todos temos visto diariamente, paira a esquizofrenia da simultaneidade da vida, aqui não como crítica, mas da condição inextricável da existência humana.

As redes sociais, o melhor entre todos os observatórios para esse tipo de comparação, exibem uma vertigem de informações, imagens, números e atmosferas que dão a qualquer tentativa de montar uma retrospectiva de 2021 um enquadramento de documentário. Em cada atualização de feed rodam cenas políticas, trágicas, cult, dissonantes, espetaculares, alegres e tristes. Saudades da ideia de Eduardo Coutinho (1933 - 2014), o melhor documentarista brasileiro para muita gente, de juntar num filme frames e cenas capturadas desordenada e aleatoriamente da televisão aberta brasileira durante 24 horas de um dia normal, comum.

UM PÊNIS É UM CREPE

Um dia na vida (2010) é só isso e tudo aquilo: o looping de um país, sem legenda, desenhado só com cenas que vão ao ar todos os dias na televisão, do beijo de amor romântico na telenovela, ao corpo crivado de balas em alguma periferia violenta, ao pastor glossolático vendendo indulgência e salvação no tele-evangelismo (antes do pix), à mode-

lo deslumbrante na passarela fashion, às palafitas, aos jatinhos e às mansões olímpicas em algum metro quadrado milionário do país.

O documentário de Coutinho se repete todos os dias, de novo e de novo, mas agora não só na TV. Está na palma da mão, no celular de todo mundo, no YouTube, no WhatsApp, no Instagram e em qualquer lugar. Os feeds, se vistos sob o olhar de Coutinho, são não só iguais a "Um dia na vida". São também a metáfora perfeita desse convite coletivo dos finais de ano. Fazer retrospectivas, estabelecer pactos internos ou anunciados de que todo mundo vai ser mais feliz, outros planos, coisas melhores, tudo novo. E como síntese, a sentença: tudo muda para permanecer igual.

As cenas de um dia na vida brasileira sobrepõem Bolsonaro de férias sobre as águas do litoral de Santa Catarina, milionários de São Paulo, do Rio e influencers dando a receita do sucesso ('sucesso é a expansão progressiva da felicidade'), imagens aéreas ou de bem de perto mostrando cidades submersas e pessoas e animais afogando-se, doação de mantimentos, influencers sensualizando em publiposts peças de grife em Trancoso, uma creperia em Fortaleza apontada como case de sucesso extraordinário por descobrir que tudo o que as pessoas querem é comprar e comer um crepe em formato de vagina ou pênis nomeados de xibata 16cm e xibiu. 2022 chegou. Feliz ano novo.





De férias durante a tragédia

Jair Bolsonaro (PL) deu de ombros para o desastre provocado pela chuva inclemente no interior da Bahia. Os temporais já deixaram 21 mortos e 77 mil desabrigados em 116 dos 417 municípios do estado. Ao passo que ignora a tragédia, o presidente curte dias de férias no litoral de Santa Catarina. Na terça-feira, em entrevista a um portal local, avisou: “Espero não ter de retornar antes [do feriado de Réveillon]”. A declaração foi feita momentos após ele passear de moto aquática na companhia da filha Laura, de 11 anos. Na areia, apoiadores e turistas se aglomeraram para conseguir chegar perto dele, que desceu do equipamento e conversou com o público por alguns minutos.

Sul da Bahia na míngua

O sul da Bahia recebeu apenas 2,1% das verbas federais destinadas à prevenção de desastres. A região é uma das mais afetadas pela tragédia das chuvas. Segundo levantamento feito pelo portal Metropoles, de Brasília, a partir de consulta feita na plataforma Siga Brasil, dentre o total de R\$ 722 milhões distribuídos em todo o país, a Bahia ficou com R\$ 156,9 milhões. Salvador foi a cidade que mais recebeu auxílio financeiro: foram R\$ 76,2 milhões, ou 48,6%.

Cabelo de vaselina

Em entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole, o governador Rui Costa (PT) aproveitou para alfinetar ACM Neto (DEM), possível adversário dos petistas no pleito estadual de 2022. “A política só é bonita quando é feita com emoção. Quando é feita com excesso de profissionalismo, ela vira algo frio. O povo não gosta dessa política. Quando me pedem dicas para sair candidato, eu digo: ‘Não fique treinando, não, pra falar bonitinho, com cabelo de vaselina’”.

Rui cobra governo federal por liberação de mais verba

O governador Rui Costa (PT) reclamou que os R\$ 80 milhões liberados por Bolsonaro (PL) são insuficientes para recuperar estradas destruídas pelas enchentes. O valor é parte do aporte de R\$ 200 milhões destinado para tal finalidade em Amazonas, Minas Gerais, Pará e São Paulo —além da própria Bahia. A queixa do petista foi em coletiva de imprensa ao lado do secretário-executivo do Ministério da Infraestrutura, Marcelo Sampaio, e dos ministros Marcelo Queiroga (Saúde), Damara Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos), Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) e João Roma (Cidadania). “Eu queria fazer um apelo porque não é possível recuperar as estradas federais com R\$ 80 milhões para o Nordeste. R\$ 80 milhões não dá para recuperar nem [as estradas federais] da Bahia”, disse Rui. A fala do gestor provocou um climão, que pairou pro ali até Marinho pedir a vez da palavra.

Deputado rebate cabelo

Líder da oposição na Assembleia Legislativa da Bahia, o deputado estadual Sandro Régis (DEM) rebateu as indiretas do governador. “Rui deveria era se preocupar menos com o cabelo de Neto e mais com a segurança pública e com a educação da Bahia, que têm números lastimáveis. Isso, sim, é uma vergonha”, reagiu Régis, em uma defesa enfática do correligionário, que antes mesmo da campanha eleitoral já escolheu como vidraça o tema da segurança pública.

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP



Dar à luz nas trevas

Mulheres gestantes revelam diversas formas de violência obstétrica antes, durante ou mesmo depois do parto

Texto Gabriel Amorim

gabriel.amorim@radiometropole.com.br

“Ele me fez sentir tanta dor pra me fazer pedir pela cesária”. “Ouvi que seu continuasse engordando daquele jeito iam ter que quebrar a porta da maternidade” “A médica se recusou a esperar pelo meu parto normal, só porque o nascimento estava previsto para um fim de semana”.

Os relatos são inúmeros e, por vezes, se confundem com as imagens gravadas durante o parto da influencer Shantal Verdelho, que no dia 12 de dezembro denunciou ter sofrido violência obstétrica.

Os casos, sempre diversos, têm uma coisa em comum: deixam lembranças de dor em um momento que deveria ser marcado pelo nascimento de um filho.

O caso de Ana*, por exemplo, aconteceu ainda meses antes do parto. No quarto mês de gestação, durante uma consulta de acompanhamento, a então gestante ouviu críticas do médico sobre seu peso. “Ele disse, na frente do meu marido, que eu ficaria cheia de estrias, que meu marido, que era muito esbel-

to, ia me largar. Ele não estava preocupado com a minha saúde, ele só queria me constranger”, detalha sobre o parto ocorrido em 2015.

“Saí chorando, depois de ter ouvido que engordaria 20 quilos, e nunca mais voltei. Mudei pra outro médico, que me acolheu. Realmente engordei bastante, mas meses depois do parto já tinha perdido tudo. O médico nunca me ligou nem pra saber porquê eu não voltei”, relata.

Já no caso de Paula*, a violência aconteceu no momento de dar à luz, em 2019.

“No momento da dilatação, o médico fez um toque desnecessário e ficava me pressionando, dizia que ia estourar a bolsa. Eu dizia que não queria. E ele me pressionava perguntando o que eu queria, me forçando a pedir cesária”, lembra.

A violência sofrida marcou um momento de realização de um sonho. “Eu tinha uma doula comigo, e mesmo assim ele fez isso. Ela depois me relatou que acreditava que seria possível o parto normal. Ele me tirou o direito de realizar um sonho, para poder fazer um trabalho mais rápido”, lamenta.

Os relatos concedidos pelas mães ao Jornal da Metropole servem de alerta e evidenciam a possibilidade de a violência obstétrica acontecer em qualquer estágio da gestação do parto, ou puerpério (pós-gestação) e não exclusivamente pelo médico.

“É uma violência que pode ser praticada por qualquer profissional no âmbito da assistência obstétrica e se expressa em condutas como medicalização excessiva, maus-tratos físicos e verbais, uso excessivo de tecnologia em processos naturais”, explica a médica Melania Amorim, pesquisadora e professora de ginecologia e obstetrícia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A especialista afirma que, por vezes, a violência obstétrica ocorre com mais frequência do que os dados podem comprovar.

“É como vítima de estupro. É como vítima de violência doméstica. Tem aquelas que não vão denunciar porque não se sentem à vontade para fazê-lo. Não encontram em si forças suficientes pra denúncia”, explica.



As mães que conversaram com a reportagem, por exemplo, além de terem sua identidade preservada pediram para não identificar os médicos agressores, por receio da repercussão.

NÚMEROS NA BAHIA

Na Bahia, os dados ajudam a comprovar a baixa formalização de denúncias. Ao todo, foram apenas seis queixas registradas no estado, de acordo com o Conselho Regional de Medicina (Cremeb): duas em 2020 e quatro até o último dia 17 deste mês (2021).

Deste total, duas já foram arquivadas por falta de indícios de infração; duas geraram processo disciplinar contra os médicos e duas ainda estão em fase de sindicância, uma apuração prévia.

“Um número de denúncias relacionados à violência que não seja impactante tanto pode ser porque o nosso ambiente na Bahia seja menos hostil ou pode ser que eventualmente mulheres não tenham demandado o conselho. É difícil dizer qual das duas coisas é a ver-

dade, ou em que percentual cada uma das duas coisas é responsável por um número não tão grande”, analisa o ginecologista e obstetra Leonardo Rezende, vice-presidente do Conselho Regional de Medicina da Bahia (Cremeb).

O representante do Cremeb ainda destaca outro ponto do debate, quando o assunto é violência obstétrica.

O próprio termo ‘violência obstétrica’ é discutido pelos médicos.

“Temos tentado evitar o uso dessa expressão, porque o termo cria uma associação indevida com a especialidade. E não se trata, na verdade, de uma atitude ou de um comportamento dos médicos. Ou que os médicos são treinados durante a residência médica de obstetrícia. Violência na assistência ao parto é o termo que o Conselho Federal de Medicina e o Cremeb acham mais adequado”, defende. O termo, no entanto, é reconhecido e utilizado pelo Ministério da Saúde desde 2019.

** Foram usados nomes fictícios para preservar as entrevistadas*

Especialistas defendem plano de parto

As situações de violência obstétrica são mais comuns do que se imagina e não precisam, necessariamente, ser atos explícitos.

“As agressões verbais são apenas a ponta do iceberg. Talvez seja o que mais choque, mas existem condutas tidas como rotineiras, que podem ser consideradas violência obstétrica”, explica Melânia Amorim, citando práticas como: impor jejum durante o trabalho de parto; não permitir a presença de uma doula ou acompanhante; fazer uso de soro com ocitocina sem consentimento só por considerar o procedimento como rotineiro.

Acompanhando partos há seis anos, desde que começou a trabalhar como doula, Jucy Cordeiro chama atenção para os momentos nos quais a violência velada pode acontecer.

“Às vezes a violência vem de forma sutil. O médico vai dizendo frases para colocar pressão na gestante e, por trás, está incapacitando a mulher nesse processo do nascimento”, detalha a profissional.

A advogada, professora e doutora em direito civil, Fernanda Ivo Pires explica o que precisa estar sempre em primeiro lugar. “A paciente precisa compreender, numa linguagem comum, todos os caminhos e consequências do que o médico precisa fazer. O médico precisa colocar todos os esforços necessários e possíveis para que a paciente entenda tudo que será feito”, afirma.

Para estabelecer a melhor comunicação possível entre gestante e equipe médica, os profissionais recomendam a elaboração do plano de parto. No documento, a mulher deve descrever o que considera aceitável ou não durante o processo.

“Às vezes a mulher só vai ter uma experiência do parto. E é muito ruim quando essa experiência não corresponde à idealização que ela planejou. É algo importante, que merece que a gente discuta, que a gente converse, mas que seja feito com muita seriedade. A conversa é fundamental”, pontua o ginecologista Leonardo Rezende.



Hora de virar a página

Chegada da vacina, queimadas na Chapada e enchentes no interior da Bahia marcaram um ano de denúncias e intensas reportagens do Jornal da Metrópole

Texto **Tailane Muniz**

tailane.muniz@radiometropole.com.br

Não se pode dizer que este não foi um ano histórico, com o perdão do clichê. De certo que a Bahia, ainda que não olhe para trás, jamais será a mesma ao virar a página deste calendário. Nem o Brasil, que assistiu o negacionismo do governo federal ser desmascarado na CPI da Covid-19.

Mas, para quem quiser rever, o Jornal da Metrópole reúne nesta última edição do ano, alguns dos fatos que, de algum modo, sacramentaram a máxima de que este país não é para amadores.

O ano é 2021 e, nas bandas de cá, nos atiramos no escuro — com a emoção de quem se joga do píer do porto da Barra, em pleno verão de Salvador — quando foi iniciada, em fevereiro, a estratégia de vacinação



21 DE JANEIRO DE 2021

Matéria de capa fala da chegada da vacina e denuncia a baixa quantidade de imunizantes



28 DE JANEIRO DE 2021

Jornal da Metrópole denuncia abandono uma das regiões mais importantes de Salvador



11 DE FEVEREIRO DE 2021

A celebração do legado do ex-governador Roberto Santos (1926-2021), morto em fevereiro



1º DE ABRIL DE 2021

Aniversário de 21 anos da Metrópole, a rádio que mudou a forma de contar história na Bahia



7 DE OUTUBRO DE 2021

Cantada por Caymmy, Abaeté é ameaçada por construções irregulares denunciadas pelo JM



28 DE OUTUBRO DE 2021

A morte do multi-instrumentista Letieres Leite e a concessão do Palácio Rio Branco



4 DE NOVEMBRO DE 2021

O lado obscuro da Moura Dubeux, que sombreou a orla de Ondina e vendeu imóveis hipotecados



19 DE AGOSTO DE 2021

Duda Mendonça, o gênio da publicidade política e da emoção morreu aos 77 anos



contra a Covid-19, um mês após a posse do prefeito Bruno Reis (DEM). A Bahia chega em dezembro à marca de 85% da população vacinada com a primeira dose.

Neste último mês, no entanto, o estado foi apresentado à fúria de um temporal que, ao causar enchentes e enxurradas, devastou dezenas de cidades das regiões sudoeste, sul e extremo sul, e levou 136 delas à situação de emergência. Ao menos 21 pessoas morreram e 470 mil cidadãos foram diretamente afetados. O que faz valer a capa desta última edição do ano.

Neste ano, a incidência das queimadas também surpreendeu os baianos. Durante todo o mês de setembro, o Corpo de Bombeiros concentrou esforços para debelar a média de 142 focos de incêndio que surgiram diariamente, especialmente na região da Chapada Diamantina.

Muito desta terra morreu em 2021, justo ao tempo em que a Metropole comemorou 21 anos de vida, em abril. Muitas mortes devido às complicações causadas pelo coronavírus, cuja letalidade teve picos altíssimos entre março e maio. O vírus, que originou as variantes alfa, beta, gama, delta e ômicron, levou da Bahia, em outubro, o gênio da música brasileira, o maestro multi-instrumentista e fundador da Orquestra Rumpilezz, Letieres Leite, aos 61 anos. Não bastasse a arte, a história baiana perdeu personalidades de outras áreas em circunstâncias diversas.

Aos 97, foi-se Cid Teixeira, um dos mais relevantes intelectuais de que já se teve notícias nesta terra. E o que dizer da falta que faz a genialidade do publicitário Duda Mendonça, morto por um câncer, em agosto, aos 77 anos? A dor da perda é

sentida no estado desde o início do ano, com a partida daquele que, seguramente, é um dos maiores baianos que já existiram: Roberto Santos. Aos 94, o médico, ministro, deputado, professor e reitor da Universidade Federal da Bahia (Ufba) despediu-se após enfrentar problemas renais.

As mortes, contudo, também se deram em situações violentas. A Bahia fecha o ano como o estado mais letal do Nordeste. Em Salvador, 100% das pessoas mortas pela polícia eram negras (pretas e pardas). Duas delas estamparam a edição de 10 de junho. Vizinhas, Maria Célia, de 69, e Viviane Soares, 36, foram mortas após desastrosa operação da PM, a metros da sede do Ilê Aiyê, no Curuzu.

Um mês antes, a capa contou a estarecedora história de Bruno e Yan Barros, tio e sobrinho, de 29 e 19 anos, entregues por seguranças do Atakadão Atakarejo a traficantes do Complexo do Nordeste de Amaralina, após suposto furto de carne.

DENÚNCIAS

No esporte, a Bahia ganhou. Fosse um país, teria terminado em 21º no ranking dos Jogos Olímpicos de Tóquio, à frente da Espanha, Dinamarca e até da Argentina. Em 30 de setembro, a Metropole levou à capa o Centro Pan-Americano de Judô, localizado em Lauro de Freitas. E como o equipamento, que custou R\$ 40 milhões, poderia ter somado no desempenho das Olimpíadas, não estivesse abandonado.

Na edição seguinte, uma reportagem mostrou as construções irregulares erguidas em Área de Proteção Ambiental (APA), na lagoa e nas dunas do Abaeté. Em outubro, foi o momento de reportar o que os anúncios publicitários de imóveis de luxo comercializados pela Moura Dubeux até tentaram ofuscar: o lado B da construtora — que sombreou a orla de Ondina e colocou à venda apartamentos sem registro e hipotecados.

Entre as tantas reportagens veiculadas nas 51 edições deste ano, este jornal também falou de fome. Em 18 de novembro, a arte da capa apresentou a disparidade de uma sociedade baiana que, de um lado, sustentou os custos milionários promovidos pelo excesso de assessores parlamentares e, de outro, assistiu o fim do Bolsa Família afetar, só na Bahia, 1,8 milhões de pessoas. A quem resta levar à mesa pratos cada vez mais vazios, enquanto esperam por anos melhores.



29 DE ABRIL DE 2021

Ameaças e assassinatos de políticos crescem no estado, remetendo à Ditadura Militar



13 DE MAIO DE 2021

Tortura e morte de tio e sobrinho evidenciam tribunal de exceção em Salvador



12 DE AGOSTO DE 2021

No dia que levou tanques às ruas, Bolsonaro viu Congresso derrubar voto impresso



2 DE DEZEMBRO DE 2021

Episódios de racismo entre estudantes demonstram um ambiente escolar hostil



16 DE DEZEMBRO DE 2021

JM teve acesso à auditoria que fundamentou a condenação do ex-prefeito João Henrique



23 DE DEZEMBRO DE 2021

O mais brilhante historiador da Bahia, professor Cid Teixeira morreu aos 97 anos



Não foi bom pra mim...

Rebaixado para Série C e vivendo caos administrativo, Vitória tenta arrumar a casa e aposta em Dado Cavalcanti para comandar elenco

Texto Rodrigo Meneses
rodrigo.meneses@metro1.com.br

Mais um ano de pandemia, perdas de entes queridos, desemprego, inflação e perda do poder de compra.

Para os torcedores de Bahia e Vitória, tudo isso se soma aos rebaixamentos das equipes para as Séries B e C, respectivamente, do Campeonato Brasileiro. O futebol foi mais um componente de sofrimen-

to no já combalido ano de 2021.

Mas, o que esperar em 2022? O Jornal da Metropole conversou com alguns comentaristas esportivos que acompanham de perto a vida da dupla Ba-Vi. Eles analisaram os erros desta temporada e traçaram o cenário para o ano seguinte.

Bahia e Vitória se reapresentam na próxima segunda-feira. O rubro-negro chega com 15 novidades para a disputa do Campeonato Baiano, Copa do Brasil e a Série C. O clube precisou correr para realizar todas as contratações antes do início da punição da Fifa. O Vitória está proibido de registrar novos jogadores nas próximas três janelas de transferências, ou seja, ao longo de todo 2022 e na primeira metade de 2023. Para suspender a sanção, precisa quitar uma dívida de 200 mil dólares (R\$ 1,1 milhão pela cotação atual do dólar) com o Boca Juniors, relativa à contratação do atacante Walter Bou, em 2018.

O caso Bou ilustra problemas do passado que influenciaram na queda do Vitória. Para o comentarista Roque Santos, da equipe Campeões da Bola, da Rádio Metropole, os sucessivos erros nas gestões desde Carlos Falcão, em 2015, deixaram um passivo muito grande.

“Com a renúncia de Falcão, Ivan de Almeida assumiu, com Sinval Vieira na di-

reção de Futebol, e endividaram o clube com várias contratações equivocadas. Essas dívidas de 2016 e 2017 impactaram em 2018, 2019, 2020, 2021”, analisa.

Roque recorda também os problemas das gestões mais recentes. “Veio Paulo Carneiro dizendo ter a expertise de gestão de futebol e contratou 60 jogadores e 10 treinadores em dois anos. Aumentou a dívida”, explica.

AMBIENTE POLÍTICO

Cascio Cardoso, da Rádio Sociedade, alerta que o Vitória precisa acalmar o ambiente político para ter sucesso em 2022.

Atualmente, o presidente do Conselho Deliberativo, Fábio Mota, preside interinamente o clube. O presidente Paulo Carneiro foi afastado após um parecer da Comissão de Ética apontando gestão temerária. Uma Assembleia Geral Extraordinária (AGE) deve ser convocada nos próximos dias para votar a saída em definitivo de Carneiro da presidência.

“O Vitória precisa ter um foco, uma união em relação ao futebol, organizar os trâmites estatutários. Desde que começou a tirar presidente, fazer eleição antecipada, só piorou as coisas. Precisa voltar a se aproximar do torcedor”, analisa.

15

Jogadores já contratou o Vitória, que corre para montar o elenco antes da sanção da Fifa

21...e nem foi pra você



Com a diretoria questionada e com débitos salariais, Bahia renovou com Guto Ferreira para disputar a Série B do Brasileirão

No Bahia, o ambiente político é mais tranquilo, mas a diretoria atual perdeu a credibilidade quando o assunto é gestão do futebol. Em 2022, o orçamento é R\$ 95,6 milhões, redução de 44,4% em relação a 2021.

“A gestão Guilherme Bellintani errou muito no futebol. Em 2020, já havia luta contra o rebaixamento e o elenco de 2021 foi montado de forma equivocada. Com perfil de atletas caros, não corrigiu a deficiência nas laterais, fez investimento em jogadores que não apresentaram resultado, com retrospecto ruim, perdeu a essência de trazer jogadores jovens, errou nas escolhas dos gestores de futebol”, aponta Rodrigo Araújo, comentarista da Equipe Campeões da Bola.

Para 2022, Rodrigo acredita que o Bahia acertou na manutenção do técnico Guto Ferreira, cujo currículo apresenta quatro acessos para a Série A (Ponte Preta, Bahia, Sport e Internacional).

O comentarista também aprova o estilo das primeiras contratações: atletas que jogaram a Série B e têm um perfil de força física, com um estilo de futebol mais combativo. No entanto, Rodrigo chama atenção para a demora do Bahia em contratar o novo ou os novos responsáveis pelo departamento de futebol.

“São 22 dias desde o rebaixamento e o Bahia ainda não tem um diretor de futebol. Não se sabe qual a ideia da diretoria. É um erro essa demora para decidir a estrutura do departamento de futebol. O diretor de futebol é o responsável pela montagem do elenco, por dar uma identidade ao time”, alerta Rodrigo.

Cascio Cardoso avalia que a demora em contratar um novo ou novos gestores de futebol mostra que o Bahia não tinha intenção de demitir Júnior Chávare e Lucas Drubscky. “O Bahia anunciou o desligamento no dia seguinte ao rebaixamento. Mostra que não estava contando em demitir os dois, caso não caísse para a Série B”, observa.

Cáscio ainda lembra que o Bahia precisa melhorar o ambiente interno para os seus funcionários, e não só dentro de campo. “O Bahia só pagou o 13º de 2020 em agosto passado e não deu satisfação aos funcionários. Isso gera um clima de insatisfação. Não se faz nenhum trabalho de sucesso sem conseguir engajar todas as pessoas envolvidas”, destaca. “As informações que eu tenho dos funcionários é de que o ambiente de trabalho era carregado e que Júnior Chávare não contribuía para melhorar o ambiente”, completa.

Os jogadores do Bahia chegaram a fa-

zer um protesto este ano sob a forma de não conceder entrevistas durante ou após os jogos do Brasileirão, como forma de questionar o atraso de salários e do 13º.

Com a nova realidade financeira da Série B, o Bahia não vai contar com Rossi, Gilberto, Índio Ramirez, Rodriguinho, Conti e Nino Paraíba.

São jogadores importantes, mas com salários altos para uma Segunda Divisão.

6

Jogadores o Bahia vai perder: Rossi, Gilberto, Índio Ramírez, Rodriguinho, Conti e Nino Paraíba



ENTREVISTA

Lídice da Mata

DEPUTADA FEDERAL (PSB)

Desde novembro, o sul da Bahia sofre com enchentes e alagamentos provocados pelas fortes chuvas. No último fim de semana, feriado do Natal, a situação se tornou mais crítica. Na Câmara dos Deputados, a bancada baiana se uniu para conseguir mais verbas federais para ajudar a região. Em entrevista à Rádio Metropole, a deputada federal Lídice da Mata (PSB), que participa da coalizão suprapartidária, comentou as ações do grupo. “Primeiro nós fomos até o presidente da Casa para dar uma dimensão mais viva, mais real, das necessidades do nosso Estado”, disse.

Segundo a deputada, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP), foi solidário à mobilização. “A bancada da Bahia compreende que o momento é de mediação do Executivo. Mas que nós também precisamos demonstrar nossa solidariedade, mobilizando a sociedade baiana, brasileira e a Câmara Federal, a qual somos integrantes. O presidente Arthur Lira foi à público e demonstrou sua solidariedade. Nós discutimos com ele quais ações podemos fazer para que recursos do governo federal cheguem até a Bahia”, disse.

DESPREZO

Lídice da Mata discutiu ainda o quanto a ajuda com verbas é viável. “Dinheiro tem. Isso já é uma tranquilidade. Há recursos disponíveis para que nós possamos atender as necessidades do nosso povo. E esses recursos não são os que estão destinados para o Nordeste na MP [Medida Provisória], que foi editada na terça no valor de R\$ 200 milhões, dos quais R\$ 80 milhões são destinados para todo nordeste. O governador Rui Costa reclamou com razão. E o ministro deu explicações impossíveis de se aceitar neste momento, no sentido de que ainda não se tem a dimensão de tudo que tá acontecendo e poderia considerar, sim, uma abertura de rubricas do orçamento para depois o dinheiro vir”.

Questionada sobre o comportamento omissivo do presidente Jair Bolsonaro, Lídice afirmou que não acredita que é baseado em rivalidades partidárias. “Essa atitude de desprezo à vida humana é a marca do atual Presidente da República. Ele não tem empatia pelo povo brasileiro. Pelas suas dores. Ele demonstrou isso com a pandemia e agora reafirma”, disse.

Essa atitude de desprezo à vida humana é a marca do atual Presidente da República



tácio moreira/metropress

ENTREVISTA

Rui Costa

GOVERNADOR DA BAHIA (PT)



reprodução/youtube

O governador da Bahia, Rui Costa (PT), declarou, em entrevista presencial nos estúdios da Rádio Metropole, que deseja seguir em seu mandato até o fim, em dezembro de 2022. “Minha vontade pessoal é ficar até o 31 de dezembro entregando projetos”, disse.

O governador, no entanto, disse que não existe definição concreta e que a decisão não será individual. “Faço política de forma coletiva. Vou conversar com meu grupo para saber qual é o melhor papel para mim neste ano de 2022”.

Questionado por Mário Kertész sobre como lida com o aspecto político na função de governador, Rui pontuou que existe um lado ruim no cargo. “A política do toma lá dá cá. De vir para o meu gabinete pedir pra demitir merendeira de escola para indicar uma de político A ou B. Isso me corta o coração. É o pior lado da política. Dessa política eu não gosto. Não tenho paciência”, disse.

Rui Costa afirmou ainda que só se dedicará às articulações políticas a partir de janeiro. “Depois de uns dias de descanso, eu vou começar a conversar sobre qual Bahia que a gente quer, quem vai compor a nossa chapa. Estarei disponível para ajudar essa chapa”.

SEGURANÇA PÚBLICA

Questionado durante entrevista sobre a segurança pública, o petista culpou o sistema judicial pelo mal funcionamento da área. “O problema do Brasil é o sentimento de impunidade, de forma generalizada”, disse o governador.

O gestor afirmou que, por conta da lentidão do sistema judicial, a atividade criminosa prevalece. “Fica um círculo vicioso. Você tem muito crime e por isso a polícia fica assoberbada. O sistema judicial brasileiro funciona mal. A maioria dos presos nem sequer tiveram um julgamento ainda”, avaliou.

Para o gestor, a solução da segurança pública passa por modificações no sistema judicial do país. “A sociedade precisa entender que quem cometer crime vai pagar pelo crime. Isso ajuda a disciplinar e reduzir o volume. Não teremos segurança pública de qualidade enquanto não mudar o sistema judicial brasileiro”.

ENTREVISTAS



METROPOLE

Ainda bem que eles não perdem uma praia.

28 de dezembro, Dia do Salva-vidas.

Com os salva-vidas não tem tempo ruim. Eles arriscam a própria vida pra salvar a vida de outras pessoas. Principalmente agora no verão. Os salva-vidas trabalham não só nas praias, mas também nos rios, lagos e piscinas. E quando acontecem acidentes e desastres naturais eles estão sempre colados, prestando toda assistência. Com um trabalho tão importante, o dia de hoje não podia mesmo passar em branco. Parabéns a todos os salva-vidas, parabéns aos 40 anos da Salvamar.



VAGNER ALVES E
EDIVÂNIA SANTOS

Secretaria de
Ordem Pública

